

DEISE NANJI DE CASTRO MESQUITA
MARIA ALICE DE SOUSA CARVALHO ROCHA
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás
Goiânia, Brasil
{mesquitadeise | maria.carvalho}@ufg.br

Churinga contemporânea: câmera fotográfica, filmadora e produção textual

Precisamos entender o presente não como um momento passageiro, entre um passado já dado e um futuro à nossa espera, mas como esse local de conexão onde o passado desagua e de onde o futuro desabrocha. (Luiz Alberto Oliveira - Físico e Doutor em Cosmologia, Curador do Museu do Amanhã, Rio de Janeiro).

Este texto apresenta parte do trabalho desenvolvido no Projeto de Extensão “Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas”, sob a coordenação do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, em parceria com a Associação de Produção e Animação Audiovisual (Ao Norte), de Viana do Castelo, em Portugal, e a participação de escolas de educação básica estaduais, municipais e particulares de Goiânia, Aparecida de Goiânia e Piraicanjuba, em Goiás, no Brasil.

O termo “Churinga”, que dá título ao projeto, foi escolhido durante uma visita à Exposição Principal do Museu do Amanhã – *Cosmos, Terra, Antropoceno, Amanhãs e Nós*, no Rio de Janeiro, em dezembro de 2023. No espaço Nós, o visitante entra em uma grande escultura em madeira que lembra uma oca (simbolicamente um lugar de transmissão de conhecimentos indígenas, onde os familiares e parentes de grupos étnicos e clãs de tribos se reúnem para ouvir as lendas, os mitos, as histórias que compõem os fundamentos de suas culturas) e se depara com um objeto esguio, feito de madeira lavrada, sustentado sobre uma base que traz as seguintes inscrições: “Churinga é uma ferramenta simbólica milenar da cultura aborígene australiana que serve para costurar o tempo, conectando passado e futuro. O museu aspira a ser uma churinga para o século XXI”. (Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/exposicoes/775/do-cosmos-a-nos> . Acesso em: 02 de maio 2025).

Este instrumento que já fez parte do cenário do árido deserto australiano no século XIX suscita à reflexão o que nós, seres ditos civilizados do século XXI, queremos deixar como legado, como marca, nas e pelas nossas churingas modernas, para as próximas gerações. Ao menos em relação a esse povo milenar, a questão procede, pois, não há muito do que nos orgulharmos diante do fato de que a vida desses nativos descendentes dos primeiros humanos modernos a migrar do continente africano e chegar à Austrália 5 mil anos depois, há cerca de 70 mil anos, que totalizavam aproximadamente 750.000 indivíduos, subdivididos em 500 grupos, todos se vendo como parte da natureza e ligados especialmente a tudo o que é natural, com cerca de 300 línguas diferentes, foram massacrados por discriminação, preconceito e intolerância, e hoje correspondem a apenas 1% da população australiana.

Olhando para outras realidades, é possível fazer analogias entre essa ancestral xenofobia e situações pretéritas e presentes contra os povos originários do Brasil; e, também, fora do país, contra outros grupos étnicos, culturais, religiosos, raciais etc. Basta acompanharmos os noticiários nacionais e internacionais diários para entendermos que, de fato, o exercício de reflexão proposto na Exposição Principal do Museu do Amanhã, em Nós, é urgente e nos concita, como educadores, a trazer também para o ambiente escolar questionamentos em torno desses dilemas e sobre como queremos enfrentá-los e transformá-los, de forma ética, com sustentabilidade, na convivência.

E é bem este o objetivo que leva esse grupo de professores a se reunirem para fazer da câmera fotográfica e filmadora uma espécie de churinga, que sirva como um instrumento simbólico temporal que armazena, pela imagem, marcas do passado que se configuram como legado para a continuidade da nossa própria vida e cultura. No entanto, neste projeto, há uma subversão de papéis: os protagonistas a recriarem e recontarem as narrativas que fazem lembrar o já vivido não são anciãos com experiência de vida empírica, mas crianças e jovens estudantes cujo trabalho se constitui na busca arqueológica de analisar dados captados em imagens fotográficas ou cenas audiovisuais, guardados como lembranças e recordações familiares, ou de domínio público por se constituírem de fatos já reconhecidos e /ou consagrados pela História. E outra adulteração do papel original dessa churinga tem a ver com a forma de veiculação das histórias contadas ao seu redor, em seu entorno ou através dela: ao invés de relatos apenas orais, neste projeto, são produzidos textos do tipo narrativo, em linguagem visual, audiovisual e escritos.

Não obstante, a ancestral função da churinga é mantida: também agora, é um meio educacional de transmissão e produção de conhecimentos, já que as imagens analisadas e os textos daí advindos, tecidos por muitas mãos no ambiente escolar, não servem apenas para resgatar o passado, mas também para inspirar a reformulação do futuro, da realidade que se deseja e está por vir. Afinal, a participação de docentes e discentes dos ensinamentos fundamentais, anos iniciais e finais, médio, de graduação e pós-graduação, com suas diferentes experiências sociais, culturais e etárias, corrobora para que a História seja olhada, ouvida e reconhecida como riqueza a ser aprendida, mas também como um simulacro de acontecimentos factuais a serem observados, avaliados, revisados e transformados.

Em termos teóricos, esta proposta se funda na compreensão de que toda e qualquer língua/linguagem adotada pelo ser humano, seja ela verbal, oral ou escrita, e não verbal traduzida em imagem estática ou em movimento, representa a realidade informal do dia a dia e de sua apreensão formalizada na academia apenas em seu aspecto simbólico, metaforonímico, não literal (SAUSSURE, 1995); que a interação social é dialógica e se sustenta em discursos estruturados em diferentes tipos e gêneros textuais (BAKHTIN, 1997), e que, para o desenvolvimento do letramento em um idioma, as atividades escolares devem prever a leitura e a escrita de textos cujos sistemas linguísticos se organizam segundo aspectos discursivos e não meramente normativo-gramaticais (ANTUNES, 2009).

Neste projeto, trata-se, pois, do exercício formal de imersão dos estudantes em produções narrativas, para que possam realizar o estudo dos elementos linguísticos e suas funcionalidades, que estruturam crônicas, contos, memórias, escrituráveis, etc., com o objetivo de compreender os propósitos interacionais da semântica, da morfologia e da sintaxe. Dessa forma, os estudantes são capazes de perceber que o texto é um sistema que manifesta social, cultural e historicamente a vida de pessoas inseridas em contextos dinâmicos e contraditórios, ou seja, tornam-se aptos a identificar diferentes realidades linguísticas, experimentar variadas possibilidades textuais e escolher as que mais adequadamente atendem às exigências sociais e aos seus próprios estilos e interesses.

Enfim, as produções estudantis, realizadas a partir da leitura e análise de imagens, são tomadas como um recurso à identificação e à recriação estética de temas que fazem intrínseca interface com a realidade e os conteúdos apresentados e aprendidos em outras disciplinas do currículo. Neste sentido, a fruição estética é entendida como o efeito e a ação de se aproveitar e utilizar prazerosamente daquilo que possui um formato artístico, seja ele representado no belo, feio, amoroso, rude, irado, triste, alegre ou quaisquer outras manifestações humanas, que inspira e provoca a compreensão da realidade e sua ressignificação (BENJAMIN, 1993).

Portanto, em nossas salas de aula de língua portuguesa, tanto nas fases iniciais quanto nos níveis mais avançados de letramento, a narrativa impulsionada pela fotografia amplia o campo tradicionalmente evocado para o trabalho com textos e a literatura ganha mais um aliado para constituir um campo discursivo para instigar a potência de criação: o ler, o ver, o elaborar de modo a viver um processo de descoberta de si, do outro e de seu próprio território, inclusive para inventar outros mundos.

Nesse sentido, reafirma-se o papel simbólico que a fotografia, tal como qualquer outra modalidade artística e de linguagem, pode exercer nas práticas educativas, já que ela integra as possibilidades humanas inventadas para dar conta do que a psicanálise denomina do confronto com o real. Freud e posteriormente Lacan reafirmaram em seus escritos a função das artes nesse antagonismo, servindo para sublimar, ou seja, para transformar positivamente nossos estranhamentos, sofrimentos e insatisfações. No seu artigo “Mal-estar na civilização”, em relação ao processo de sublimação, Freud diz que “Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos” (FREUD, 1930[1929], p. 87).

Assim, é imprescindível oferecer mais uma possibilidade para se retomar, atualizar e elaborar, quer no plano individual e/ou coletivo, um cotidiano a ser revisto, contado, reinventado e compartilhado. E, durante o processo de realização do projeto, é chamada a atenção para a importância de se buscar amparo para elaborações nas próprias fotografias analisadas, como já fazem muitos pesquisadores antropólogos, historiadores, sociólogos etc. A proposta é a mesma: buscar conhecimentos e produzir narrativas, a partir das e com as imagens produzidas no âmbito familiar e de domínio público disponíveis nas redes, em livros etc.

Alguns exemplos de produções audiovisuais realizadas pelos estudantes participantes do projeto podem ser acessados apontando a câmera do celular para os QR Codes que se seguem:



Texto: Madalena

Autora: Karoline Oliveira dos Santos



Texto: O lago ao pôr do sol

Autora: Maria Eduarda Souza Almeida



Texto: Viagem para Belém do Pará

Autor: Felipe Pereira do Carmo



Texto: Élio Velho

Autora: Clarice Cortes Cabral de Mesquita

As produções textuais em linguagem escrita também foram inspiradas em imagens veiculadas em obras literárias brasileiras lidas e analisadas durante as aulas de português, e/ou criadas a partir de fotografias de domínio público. São exemplos:



Fonte: Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo.
Desenho Animado do Cartunista Miguel Falção.

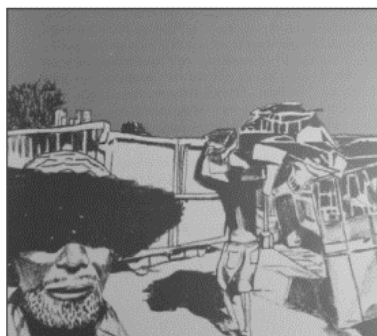
OS TANTOS SÓIS DA TERRA II

Urubus, uma quentura sem fim queima tudo que é verde, somente o cinza e o seco prevalecem ali. Cristiano, com a espingarda nas costas, traz no corpo a maior dor dos homens: a fome. Sua casa é de tão singela que quem por ali passasse não notaria seus três filhos, Ariano, Glauco e Fernanda, nem sua esposa Vitoria. As paredes de madeira abrigam insetos e outras nojeiras encontradas por Vitoria todos os dias.

Cristiano mora ali há tanto tempo, que conhece as terras que não lhe pertencem, como ninguém. A seca fez fugir tudo que é vivo dali, mas o caboclo não sai de lá por dívida a Raimundo Honorário, o detentor de toda aquela poeira. O sertanejo hidrata um pouco a pele com uma linha fina de lágrima, que não se aguentou de tanto sofrimento na cabeça e se pôs para fora pelos

Texto: Os tantos sóis da terra

Autor: Rafael Augusto Damaceno



Fonte: Quarto de Despejo, Carolina Maria de Jesus. Ilustrador: Vinicius Rossignol Felipe.

DIÁRIO DE UM SONHADOR

O sol mal despontou e já estou de pé, sentindo o calor crescente do dia enquanto caminho pela favela. O chão vermelho parece mais brilhante hoje, refletindo a luz da manhã. As crianças brincam despreocupadas, enquanto alguns adultos começam suas tarefas diárias.

Cada canto dessa favela conta uma história, e a minha está apenas começando.

Meu nome é João e, apesar das dificuldades, sou um sonhador. Cresci aqui, entre barracos de madeira e becos apertados, mas nunca deixei de acreditar em um futuro melhor. Hoje, enquanto observo a vida ao meu redor, sei que quero

Texto: Diário de um sonhador

Autor: Fábio Renato dos Santos Crespo



Fonte: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2023-05/save-the-children-drama-criancas-faixa-gaza.html>.

FUGINDO DA ESCURIDÃO CLARA

Eu e minha família estamos fugindo dessa escuridão clara que meu pai falou que chama guerra. Aqui tem estilhaços, tijolos e pessoas sem casa. Eu estou vendo o moleton do papai cinza, mas ele disse que é azul.

Desde alguns meses atrás meu papai e minha mamãe estão tendo dificuldade de sustentar eu e meus 5 irmãos, pois é difícil sair de casa sem virar outra coisa. Minha mamãe achou que eu não estava ouvindo ela, mas ouvi. Ela disse: "Coitada de nossa filhinha. Tão novinha. Ela podia ter nascido alguns anos depois. Ela está tendo que passar por essa situação de guerra tão nova".

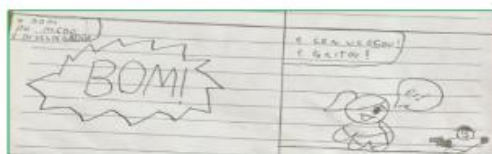
Eu estou bem cansada. Já pedi para ir para casa tantas vezes que eu acho que meu pai vai enlouquecer. Todas as vezes que eu pedi para ir para casa meu pai disse: "Nossa casa está indefinida no momento", e percebo que cada vez que ele dizia isso as coisas ficavam mais cinzentas e o olho dele mais parecido com o mar. Quando falei isso da última vez, ele não resistiu e uma triste gotinha de

Texto: Fugindo da escuridão clara

Autora: Ana Clara Carvalho Sousa



Estava tendo guerra da Palestina e de Israel, e está.
- Não tem volta. Tô chegando.
E chegou.



O som do medo é desesperador.
BOM!
E conversou! E gritou!



Encheu o peito de ar e falou:
- Eu não aguento mais!
E o trauma nunca mais saiu.

* Esta imagem foi retirada de um vídeo, publicado no site: <https://www.apostagem.com.br/2022/03/03/video-criancas-palestinas-enfrentado-soldados-de-israel-como-se-fossem-ucranianas-viralizam-nas-redes/>.

Texto: Eu não aguento mais!

Autora: Olívia Lens Cândido Fideles

Outras produções advindas desse trabalho foram publicadas no volume XIV da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos!¹, cujos resultados são apresentados em três unidades: I – Foto-Conto: produções audiovisuais de coletânea doméstica; II – Foto-Narrativa: produções escritas de acervo familiar; e III – Foto-História: produções textuais de registro documental. A proposta foi desenvolvida em três etapas. Nas 1ª e 2ª, foram oferecidas vivências sistêmicas sobre “Contar História com Imagens: produção audiovisual”, “Contar histórias com imagens: escrita de narrativas” e “Produção Textual do Tipo narrativo”; e na 3ª foram realizadas leituras, análises e rodas de conversa nos encontros presenciais organizados pela/os professora/es, na escola, e virtuais com todos os participantes do projeto, na sala do Google Meet, sobre o “Resgate de momentos importantes da história do país e do mundo, por meio de fotografias documentais”.

Em suma, o projeto se sustenta em três bases centrais: integra universos escolares de diversificados contextos culturais e põe em diálogo a realidade de estudantes de distintas etapas de alfabetização e letramento; promove a busca de realidades factíveis cujas situações ocorreram em outras épocas e distintas conjunturas sociais, e que se encontram documentadas principalmente por imagens fotografadas e/ou filmadas; e estimula a produção textual autoral, audiovisual e escrita, a partir da compreensão de que embora as narrativas curtas possam ser fruto tão somente de fruição estética criativa e imaginativa, encontram-se referendadas em mitos, ritos e lendas que configuram o imaginário humano e traduzem suas leituras de determinadas realidades.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, I. Língua, texto e ensino. São Paulo: Parábolas, 2009.
BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Fontes, 1997.
BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense. 1993.
FREUD, S. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: v. XXI: O mal-estar da civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 299 p.
SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1995.

¹ Acesso virtual gratuito ao Volume XIV da Coletânea “Escola de Educação Básica para Todos!”: https://forumescolaparatodos.com.br/wp-content/uploads/2024/12/Volume-XIV-18_12_24.pdf
<https://editoraaltaperformance.com.br/produto/escola-de-educacao-basica-para-todos-volume-xiv-e-book/>